



Cultura e pandemia no Reino Unido

João Leiva Filho¹

-
- 1 Doutorando em Creative and Cultural Entrepreneurship na Goldsmiths University. Diretor da empresa JLEIVA Cultura & Esportes. E-mail: joao.leiva@jleiva.com.br.

RESUMO

Este artigo apresenta uma visão geral de como o setor cultural britânico foi afetado pela pandemia da Covid-19 e das principais medidas adotadas pelo governo para socorrer a área durante o ano de 2020. O texto também discute os principais desafios que se apresentam para as políticas culturais do Reino Unido para estimular a retomada de um setor que, depois do turismo, tem registrado a maior retração em suas atividades. O cenário de grave crise sanitária e econômica é marcado ainda pela saída do Reino Unido da União Europeia, por um modelo de financiamento à cultura apoiado no conceito das indústrias criativas, com forte dependência do fluxo de turistas estrangeiros, e pela perda de espaço das atividades artísticas no sistema educacional britânico.

Palavras-chave: Cultura e Pandemia. Políticas Culturais. Indústrias Criativas. Economia da Cultura.

ABSTRACT

This article shows an overview of how the Covid-19 pandemic has affected the cultural sector in the United Kingdom and some of the main initiatives adopted by the government to support professionals, companies and cultural institutions in 2020. The text reflects on the adversities faced by the cultural policies in the UK, based on the concept of creative industries, to resume the production in the sector in 2021. Art and entertainment activities also face the challenges due to UK's exit from the European Union and a funding model strongly supported by the foreign tourism, the mostly impacted sector by the economic decline. Furthermore, the pandemic has increased the loss of importance of artistic activities in British schools, threatening the training of professionals for the future.

Keywords: Culture and Pandemic. Cultural Policy. Creative Industries. Economy of Culture.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é traçar um panorama de como o coronavírus afetou as atividades culturais no Reino Unido, analisando os impactos do *lockdown*, as medidas do governo para atenuar os efeitos da pandemia e os desafios que a área terá a partir de 2021, quando Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte já não farão parte da União Europeia. Como trata-se de um processo em curso, de desdobramentos incertos, ainda não é possível ter um quadro preciso dos impactos da crise em cada setor, avaliar a eficácia das ações emergenciais, assim como apontar as mudanças que os períodos de confinamento social podem trazer para a dinâmica da área cultural, do funcionamento das cadeias produtivas às formas pelas quais as pessoas participam da vida cultural. A análise será baseada em estudos e relatórios publicados ao longo do último ano pelo governo britânico, entidades de classe, *think-tanks*, empresas de consultoria e artigos publicados na mídia, quase todos produzidos durante o desenrolar da pandemia. E tem como

horizonte apenas o ano de 2020, que se encerrou com os espaços culturais fechados e sem data prevista para reabertura. Apesar dos limites que o calor da hora impõe à análise e aos desdobramentos incertos da pandemia, alguns contornos parecem visíveis. Existem evidências de que a área cultural foi uma das mais afetadas, atrás apenas do turismo. Ainda que os estragos tenham se espalhado por todos os setores, eles parecem ter sido mais intensos nas artes cênicas e na música ao vivo. Também já existem pesquisas apontando uma queda das atividades artísticas nas escolas em função da pandemia.

Os efeitos da crise sanitária sobre a área cultural e as ações de socorro foram determinadas pela dinâmica do mercado de trabalho no setor criativo e pela estrutura das políticas culturais no Reino Unido. Por óbvio e natural que isso possa parecer, é relevante apontar que até o final de dezembro não haviam sido lançadas iniciativas inovadoras ou que sinalizassem alguma mudança de rumo na estratégia de gestão pública. O que se fez foi atuar a partir de uma lógica já estabelecida, com atenção especial para segmentos mais fragilizados.

A redução das atividades presenciais e a decorrente explosão de acesso cultural online tem acelerado algumas tendências já em curso, mas não há evidências de que ela vá alterar o modelo de financiamento das instituições culturais, pois parte expressiva desse consumo não gerou receita para seus produtores.

Finalmente, o que até agora podia ser considerado como uma das forças da economia criativa do Reino Unido, deve se tornar um de seus maiores desafios nos próximos anos. Com uma receita de bilheteria em grande parte alimentada por um público vindo principalmente dos Estados Unidos e da Europa continental, os museus londrinos e os setores de artes cênicas e música ao vivo devem sofrer perdas substantivas com a queda no turismo internacional.

CONTEXTO

Acompanhando o esforço de vários países europeus para tentar conter o avanço do coronavírus, o governo britânico determinou o fechamento de cinemas, teatros, museus, casas de show e centros culturais na segunda quinzena de março de 2020. Eventos culturais a céu aberto, como os tradicionais festivais de música, foram proibidos. O *lockdown* cultural foi parte de um conjunto de restrições que atingiu diversos setores da economia, assim como as escolas e universidades britânicas.

Ao longo de 2020, outros dois fechamentos foram impostos. Depois de uma primeira abertura no dia 4 de julho, os espaços culturais voltaram a fechar entre 5 de novembro e 1º de dezembro. A segunda abertura, feita de acordo com o nível de risco da doença em cada região do país, não durou um mês. No dia 19 de dezembro, foi anunciado um terceiro *lockdown*, que incluiu novo fechamento dos espaços culturais em Londres e no sudeste da Inglaterra. As reaberturas autorizadas de julho a outubro, e nas primeiras semanas de dezembro, foram acompanhadas por uma série de protocolos de segurança, regras para manutenção do distanciamento social e restrições ao volume de público nos espaços culturais. No balanço do ano, a área cultural teve dois meses e meio de funcionamento normal, cinco meses de fechamento completo, e quatro meses e meio de operação com restrições. Como veremos, as aberturas tiveram um impacto residual para as instituições culturais.

As escolas foram fechadas em março, junto com o restante da economia e já perto do final do ano letivo de 2019/20 (que vai de setembro a junho). As provas de final de ciclo não foram realizadas e a rede pública quase não teve aulas online. As escolas só retomaram suas atividades presenciais em setembro, no início do ciclo 2020/21, mas não foram atingidas pelo fechamento de novembro e dezembro, uma vez que o final de ano já conta com duas semanas sem aulas. No penúltimo dia do ano, com o pico de novos casos,

foi anunciado o adiamento do retorno às aulas. A reabertura de setembro, porém, mostrou que as atividades artísticas perderam espaço nas escolas, acentuando uma tendência de mais de uma década.

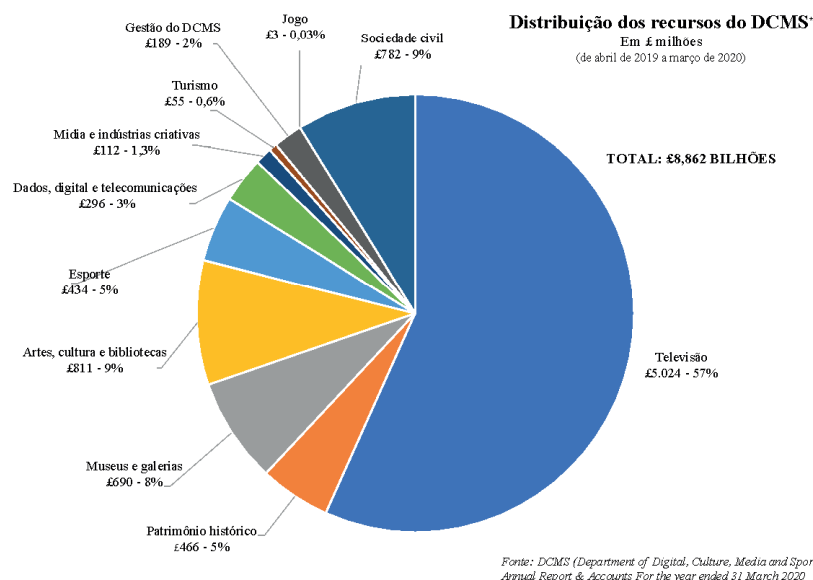
Nove meses após o primeiro fechamento, o Reino Unido registrava mais de 70.000 mortes pelo coronavírus e a maior crise vivida pelo setor cultural desde a Segunda Guerra Mundial. A pandemia veio se somar ao cenário incerto que se anunciava para a área desde o início do ano, com as prováveis perdas e dificuldades operacionais que devem acontecer com o Brexit. Na Inglaterra, a crise também suspendeu o debate que se iniciava sobre as políticas culturais a serem implementadas para os próximos dez anos pelo ACE (Arts Council England). Anunciadas em janeiro no documento “Let’s Create” (“Vamos criar”), as diretrizes gerais seriam traduzidas em programas e ações mais concretas em abril, mas o detalhamento do plano foi adiado para o início de 2021.

Uma última informação relevante de contexto diz respeito ao perfil das políticas culturais britânicas, pois é a partir delas que o governo vai acionar as medidas de socorro. A gestão se articula a partir do DCMS (Department for Digital, Culture, Media & Sport). O DCMS repassa recursos para os *Arts Council* da Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte,² é o principal financiador da rede de televisão pública BBC faz aportes diretos em 15 dos principais museus do Reino Unido³ e para a manutenção do patrimônio histórico. Frequentemente apontado como neoliberal, principalmente após a adoção do conceito de indústrias criativas, o DCMS geriu um orçamento de £8,9 bilhões em 2019/20, cerca de R\$ 62 bilhões (câmbio de 24/12/2020). Desse total, £1,16 bilhão foi para museus

-
- 2 Cada país tem o seu próprio Arts Council. Os conselhos são *charities* (instituições sem fins lucrativos e de interesse público) e têm autonomia em suas decisões. Na prática, funcionam como um braço do DCMS, de onde vem parte significativa de sua receita.
 - 3 British Museum, Geffrye Museum, Hornimam Museum, Imperial War Museums, National Gallery, National Museums Liverpool, National Portrait Gallery, Natural History Museum, Royal Armouries, Royal Museums Greenwich, Science Museum Group, Sir John Soane’s Museum, Tate Gallery Group, Victoria and Albert Museum e The Wallace Collection.

e patrimônio e £811 milhões para artes, cultura e bibliotecas. A Tabela 1 mostra a distribuição dos recursos.

Tabela 1 – Distribuição de recursos do DCMS



Fonte: DCMS, 2020.

Enquanto o DCMS concentra a sua verba na BBC, museus e patrimônio, o ACE amplia a rede de ação pública com o que recebe do DCMS (£492 milhões) e da National Lottery (£248 milhões), a loteria britânica. O carro-chefe de sua ação são as NPOs (National Portfolio Organizations), um grupo diversificado de instituições culturais que recebe grants (doações) durante quatro anos. O último ciclo de financiamento vai de 2018/19 a 2021/22 e atende 846 instituições. Dessas, 78% receberam recursos no ciclo anterior, de três anos (2015/16 a 2017/18). Nos extremos, seis NPOs recebem mais de £10 milhões por ano,⁴ enquanto 353 ficam na faixa de £150 mil a £40 mil anuais, o menor valor destinado pelo programa. O ACE também destina aportes a mais de 4.000 instituições culturais por

4 Royal Opera House, Southbank Centre, National Theatre, Royal Shakespeare Company, English National Opera e Opera North Limited.

ano por meio de editais. Além dos grants, outros dois programas de relevância são os fundos de investimento (£93 milhões) e o hub de educação musical (£77 milhões). O primeiro atende “desafios específicos, oportunidades ou gargalos de investimento” e funciona como uma espécie de coringa para o ACE. Os recursos têm sido usados para ações de formação, desenvolvimento da criatividade e com crianças e jovens.

Nos últimos anos, as instituições culturais foram estimuladas a diversificar suas fontes de receita, por meio de doações, patrocínios, bilheteria e venda de produtos. Como resultado, em 2018/19, 72% dos recursos das instituições apoiadas pelo DCMS vieram de fontes privadas (19% via doações, e 59% via bilheteria e venda de produtos). A participação pública varia de quase 80% no caso da British Library a menos de 30% no caso da Tate.

O cenário cultural ainda conta com três setores puxados por uma robusta participação privada. O BFI (British Film Institute) apresenta o setor de cinema como o quarto maior do mundo, com receita de £3,5 bilhões em 2018. Terra de William Shakespeare, o Reino Unido tem mais de 1.000 salas de teatro. A ponta comercial atrai anualmente cerca de 15 milhões de espectadores a um grupo de 52 teatros que integram a Solt (Society of London Theatre), que representa as principais salas comerciais do West End e alguns espaços como o Barbican Centre e o Shakespeare’s Globe. Com mais de 18.000 performances por ano, os teatros associados à Solt geraram £800 milhões em bilheteria em 2019. O setor musical, uma das referências da indústria cultural com a ascensão do rock nos anos 60, conta com uma grande diversidade de festivais. A música ao vivo atraiu um público de 33,7 milhões em 2019, segundo a UK Music, entidade que representa a indústria, com uma geração de valor agregado de £1,3 bilhão, 22% dos £5,8 bilhões do setor.

Resumida e certamente incompleta, essa breve apresentação da área cultural no Reino Unido reúne algumas informações econômicas e de gestão das políticas públicas que podem ajudar a compreender

o impacto da pandemia, a reação do governo britânico e alguns dos desafios que se colocam para a recuperação das atividades culturais.

ANÁLISE

As pesquisas quinzenais Bics (Business Impact of Coronavirus Survey) realizadas pelo ONS (Office for National Statistics), órgão responsável pelas estatísticas do governo, indicam que as áreas de “hoteleria e alimentação” (turismo) e de “artes e entretenimento” (cultura) foram as mais afetadas pela pandemia.

O último boletim do ano (17/12) apresenta dados relativos à segunda quinzena de novembro. Enquanto no conjunto da economia, cerca de 17% das empresas britânicas estavam com seus negócios paralisados, o percentual era de 35,4% na área de artes e entretenimento, atrás apenas de hotelaria e alimentação (42,6%). O resultado se repete na pergunta sobre resultados financeiros. Na média, 45% das empresas registraram uma receita inferior à esperada para esse período do ano. Na área cultural, o percentual foi de 71%. E no de turismo, de 78%. Quando a pesquisa detalha o tamanho da queda, ela superou 50% da receita em 11% das empresas. Na área de cultura e turismo, porém, o número de empresas com esse nível de queda foi quatro vezes maior: 43% e 45%, respectivamente. A pergunta sobre os lucros segue a mesma tendência, com cultura e turismo com os piores resultados. A pesquisa também apontou a cultura como a área com maior percentual de funcionários em licença. Entre as empresas pesquisadas, a média foi de 16% da mão de obra, chegando a 42% para hospedagem e alimentação e a 53% para artes e entretenimento.

Além das Bics, a última estimativa mensal do PIB (Produto Interno Bruto) relativa a outubro mostrava um recuo do setor de 23% desde fevereiro, índice só pior que o de hotelaria e alimentação (35%). Na média, a área de serviços teve queda de 9%.

Ainda que os relatórios não apresentem dados detalhados por setor da cultura, parece que o principal impacto se deu sobre aqueles com

maior dependência da presença física do público, como as artes cênicas, os festivais de música e casas de show, cinemas e museus. Na música, os elos da cadeia ligados à produção e distribuição online sofreram menos. O mesmo aconteceu com o audiovisual.

As janelas de abertura, em que as instituições culturais foram autorizadas a funcionar com um público restrito e seguindo protocolos de segurança, não foram suficientes para reverter o grave cenário de crise. No início de outubro, quatro meses após a reabertura, a rede de cinema Cineworld, a maior do Reino Unido e Irlanda, anunciou o fechamento de suas salas. As justificativas foram um prejuízo de £1,3 bilhão e a falta de lançamentos capazes de atrair grandes audiências. O anúncio foi feito logo após mais um adiamento do novo filme de James Bond. Segundo dados da UK Cinema Association, que reúne cerca de 90% dos exibidores, a comparação da bilheteria de agosto a outubro de 2019 com os mesmos meses de 2020 aponta para uma queda de 83% no público.

Resultado parecido tiveram os principais museus britânicos. No comparativo mês a mês, a queda de público em relação ao mesmo período de 2019 foi de 87% em agosto e de 83% em setembro. A maioria dos espaços precisou reduzir sua área expositiva aberta ao público, estabelecer limites para o número de visitantes de cada exposição e muitos fecharam ou reduziram as atividades em suas lojas e áreas de alimentação.

No caso de teatros, festivais de música e casas de shows, o impacto foi ainda mais severo. No teatro, a abertura autorizada em julho teve poucos resultados práticos, e a maioria dos espaços permaneceram fechados. Como muitas produções dependem de uma alta taxa de ocupação para serem sustentáveis, e alguns espaços são antigos, com cadeiras bem próximas e áreas de circulação diminutas, os teatros tiveram mais dificuldade para se adaptar ao novo cenário imposto pela pandemia. Também pesaram a necessidade de manter o distanciamento entre os atores e destes com o público, principalmente nas grandes produções. O resultado é que a maioria das

salas londrinas permaneceram fechadas mesmo na segunda abertura, em dezembro. Após nove meses de paralisação, produções de sucesso de público, como “O fantasma da ópera” e “Hamilton”, anunciavam seu retorno apenas para junho e maio de 2021, respectivamente, mais de um ano após o início da pandemia. A estimativa é que apenas 15 salas na região do West End, a Broadway londrina, tenham reaberto no início de dezembro.

No caso dos festivais de música, a situação foi ainda pior, pois eles foram quase todos cancelados, dos megaeventos aos shows de menor porte. Concentrados na primavera e no verão europeu, entre abril e setembro, festivais como os de Glastonbury, All Points East, Reading, Isle of Wight, Download, Wireless e Latitude, que geram empregos, atraem milhares de pessoas para o Reino Unido e movimentam centenas de bandas, não puderam ser realizados. A música ao vivo ainda foi impactada pelo fechamento das casas de shows, bares e pubs. Conhecidas como *grassroots venues* (espaços alternativos, em tradução livre), elas não só movimentam a vida noturna das principais grandes cidades, como são responsáveis por abrir palco para centenas de artistas e bandas iniciantes, garantindo a vitalidade e a diversidade da produção musical britânica. Esses espaços já enfrentavam dificuldades, principalmente em função do crescente preço dos aluguéis nas zonas centrais das grandes cidades. Em cerca de uma década, de 2007 a 2016, o número de *grassroots venues* em Londres caiu de 144 para 94, com o fechamento de 35% dos espaços. Em 2015 a prefeitura lançou um programa para tentar reverter esse cenário. A pandemia, agora, fez com que as casas fechassem durante quase todo o ano.

O impacto da Covid-19 no processo de formação dos futuros profissionais criativos britânicos parece ter sido mais profundo, afetando também suas sementes. Estudo da ISM (Incorporated Society of Musicians) indica que depois do retorno às aulas presenciais, as

aulas de artes foram bastante prejudicadas. As atividades musicais extracurriculares deixaram de ocorrer em 72% das escolas primárias e em 68% das secundárias. No caso das aulas presenciais de música, a queda se deu em 35% e 28% das escolas, respectivamente. E em 10% do sistema educacional elas não foram retomadas, nem mesmo online. Muitos professores relataram que as salas especiais para ensino musical têm sido usadas para atendimento de emergências ligadas à pandemia.

O quadro vem apenas reforçar a queda de importância das atividades artísticas no ensino britânico. Segundo dados do JCQ (Joint Council for Qualifications) analisados pela Thinktank Cultural Learning Alliance em seu website, entre 2010 e 2019 o número de crianças de 15 a 16 anos que têm aulas de artes caiu 38%.⁵ No mesmo período os percentuais para geografia e história subiram, respectivamente, 43% e 30%. Uma das áreas mais afetadas foi a de artes cênicas, com queda de 61%. No caso da música, houve redução de 25%. Na faixa seguinte, entre 17 e 18 anos,⁶ a queda no interesse por atividades artísticas foi menor, mas ainda assim substantiva: de 29%.

AÇÕES EMERGENCIAIS

O socorro à área cultural veio de diferentes formas. Em primeiro lugar, por meio das ações do governo britânico para proteger o conjunto da economia. A área pôde se beneficiar de dois dos principais programas oficiais: o *furlough scheme* (“licença remunerada”) e o *self-employment income support scheme* (Seiss, na sigla em inglês). O primeiro visou às empresas com funcionários regularizados que não puderam trabalhar por conta das restrições impostas

-
- 5 O percentual corresponde ao número de inscritos para o GCSE (General Certificate of Secondary Education) em artes, prova semelhante ao ENEM, que tem a sua maior fatia de estudantes nessa faixa etária.
 - 6 Correspondente ao número de inscritos para os A-Levels (Advanced Levels), semelhante ao vestibular no Brasil, quando os alunos estão em sua maioria nessa faixa etária.

pelo governo, enquanto o segundo foi destinado aos empregados por conta própria e freelances que tiveram perdas em seus rendimentos. No caso das licenças, o governo pagou até 80% das horas não trabalhadas, até o limite de £2.500 por mês. No Seiss, os profissionais precisavam comprovar seus rendimentos de anos anteriores para receber o correspondente a 80% do lucro de três meses em uma única parcela, até o valor máximo de £2.500. O programa, que em dezembro estava em sua terceira fase, atendeu os profissionais com recebimentos tributáveis de até £50.000 por ano.

A estrutura de suporte aos trabalhadores, mais eficiente no auxílio àqueles de empregos regulares, não foi suficiente para atender as demandas da área cultural, que usa de forma intensiva o trabalho temporário. Dados do DCMS mostram que, no conjunto do Reino Unido, 84% dos trabalhadores são contratados de empresas, ao passo que os 16% restantes trabalham por conta própria. Nas indústrias criativas, o percentual de empregados cai para 67%, e na cultura, para 51%. Esse percentual chega a meros 30% quando o recorte inclui apenas os setores de música, artes cênicas e artes visuais. No agregado da força de trabalho britânica, as indústrias criativas e a área cultural respondem, respectivamente, por 6,3% e 2,0% dos empregos, mas quando isolamos os empregados por conta própria, a participação sobe para 12,7% e 6,1%.

Ainda que as duas principais linhas de ação do governo possam ter auxiliado parte significativa dos 676.000 trabalhadores da área cultural, a forte presença de freelances e as perdas sofridas fizeram com que o governo buscasse outras formas mais diretas para atender os diversos segmentos da cultura.

Logo no início da crise, ainda em março, o ACE anunciou um fundo de emergência de £160 milhões para atender indivíduos e organizações culturais. Em maio foram distribuídos £64,7 milhões para 7.486 profissionais (£17,1 milhões em prêmios de até £3 mil) e 2.178 instituições (£47,6 milhões em prêmios de até £40 mil) não pertencentes às NPOs. Na média, esses editais conseguiram atender

71% dos inscritos. Seguindo política de estimular a diversidade implantada pelo ACE desde 2011, os editais buscaram contemplar pessoas físicas e instituições lideradas por mulheres, LGBTQs, pessoas com deficiências e minorias étnicas.⁷ Todos tiveram percentual de atendimento em relação aos inscritos superior à média. Na divisão dos recursos, esses grupos tiveram acesso a 55%, 16%, 13% e 20% dos recursos, respectivamente.⁸ Os demais £90 milhões foram destinados às NPOs e CPPs (Creative People and Places Lead Organisations), programa de estímulo à participação cultural em áreas de menor acesso às artes.

O prolongamento da pandemia, porém, mostrou que o recurso seria insuficiente, e em julho foi anunciado um pacote mais substancial, de £1,57 bilhão, chamado de CRF (Culture Recovery Fund). O recurso, previsto para ir até abril de 2021, não foi destinado exclusivamente ao ACE, mas também aos conselhos da Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte, que ainda tiveram outras fontes de recurso e autonomia para implementar ações próprias. O ACE ficou responsável pela gestão de £850 milhões, distribuídos por meio de doações, empréstimos e fundos de investimento. A análise de como parte dos recursos foram disponibilizados mostra que, na essência, eles seguiram a linha de ação já adotada pela instituição, como o esforço para reduzir a concentração de aportes em Londres.

Isso pode ser visto na comparação do destino do recurso das NPOs (£406 milhões na média de quatro anos, de 2018/19 a 2021/22) com o dos dois principais editais destinados a instituições culturais e que, juntos, mobilizaram £428 milhões.⁹ Instituições sediadas em Londres, que concentram 40% dos recursos das NPOs, foram contempladas com 33% da verba dos editais. Ao mesmo tempo,

.....

- 7 É frequente no Reino Unido o uso do termo BAME (*Black, Asian and minority ethnic groups*)
- 8 O relatório do ACE indica os dados dos grupos isolados, sem mencionar as sobreposições, como uma mulher asiática, por exemplo
- 9 Os dois editais mencionados distribuíram recursos individuais de £50 mil a £3 milhões, enquanto no caso das NPOs o valor mínimo anual é de £40 mil, e apenas 15 instituições recebem mais de £3 milhões por ano.

aumentou a participação das regiões sudeste (de 10% entre as NPOs, para 16% nos editais) e sudoeste (de 6% para 11%). Nos ciclos anteriores das NPOs, (2012/2015 e 2015/2018), Londres ficou com 46% e 42% da verba, respectivamente.

Quando o recorte é por tipo de atividade, a distribuição dos editais aponta no sentido de uma maior concentração nas áreas de teatro (29%) e música (25%), que já ficavam com as maiores fatias da verba das NPOs (25% e 23%, respectivamente). Os setores que tiveram redução nos editais foram a dança (10% para 4%) e artes visuais (11% para 6%).

Também foram criados editais para atender dois perfis de espaços particularmente afetados pela crise, as *grassroot venues* e as salas de cinema independentes. No caso dos espaços musicais, o ACE destinou £3,36 milhões para 135 espaços sob risco de insolvência. Com recursos provenientes do DCMS, o BFI havia atendido 202 salas independentes em toda a Inglaterra até dezembro, com uma verba de £16 milhões (78% destinados a espaços fora de Londres) e previa investir mais £14 milhões em 2021. O instituto também destinou recursos para ajudar a manutenção de cerca de 100 filmes em fase de produção.

Além dos editais, o ACE criou linhas de financiamento destinadas a recuperar a sustentabilidade de grandes instituições culturais no médio prazo no valor de £280 milhões. Na primeira rodada, entre agosto e setembro, o valor mínimo que poderia ser solicitado era de £3 milhões, com prazo de pagamento de até 20 anos, carência de quatro e juros de 2% ao ano. Na segunda, que teve inscrições abertas em dezembro, o valor mínimo solicitado caiu para £1 milhão, de um total ainda disponível de £100 milhões para empréstimos.

AMBIENTE DIGITAL

A necessidade de isolamento social deixou uma grande parte da população em casa por longos períodos, levando a um *boom* no consumo cultural online, principalmente de séries, filmes e vídeos.

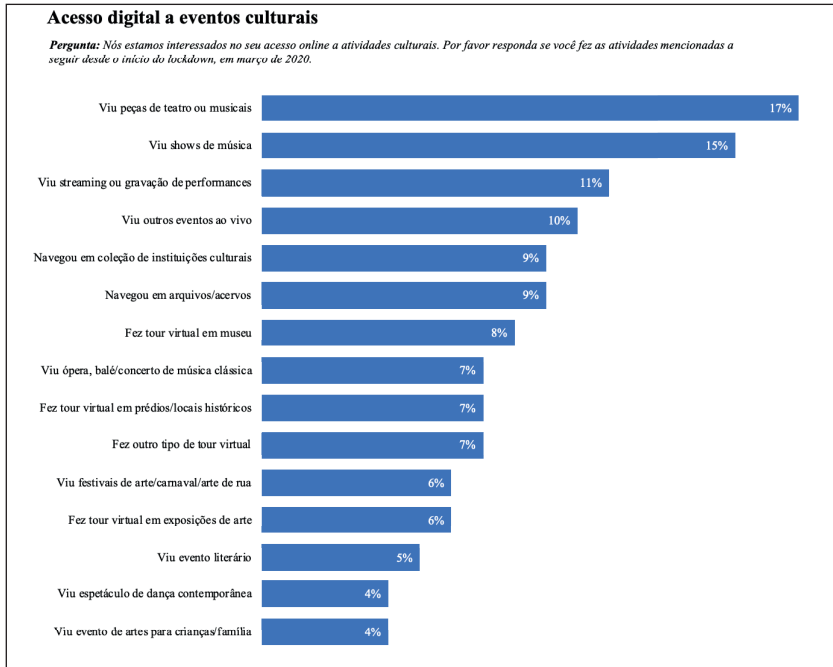
Apenas no primeiro semestre de 2020, a Netflix atraiu 26 milhões de novos assinantes em diversos países, pouco abaixo dos 28 milhões de todo o ano anterior. Fechadas, muitas instituições culturais passaram a ampliar a oferta de espetáculos teatrais, de dança, concertos e visitas a museus online. As *lives*, eventos transmitidos ao vivo pela internet, passaram a ser uma alternativa para atingir o público e para os artistas manterem ao menos alguma atividade, ainda que bastante esporádica. Seminários, debates, congressos e feiras ganharam um formato digital. Jornais e revistas conquistaram novos assinantes.

A tendência reforçou a necessidade de as instituições culturais ampliarem a sua presença online, acelerando processos já em curso. O próprio ACE havia lançado em 2019 um programa chamado Digital Culture Network (Rede de Cultura Digital) para auxiliar as instituições culturais a se capacitarem para explorar ao máximo o potencial das ferramentas digitais. A rede oferece seminários, workshops e diversas ações de suporte para treinar as equipes das instituições culturais a trabalharem com conteúdo e estratégia digital, e-commerce, análise de dados, redes sociais, e-mail marketing, venda de produtos e CRM. Desde o início da pandemia, cerca de 700 instituições foram atendidas pela equipe da rede. Nos webinários e congressos sobre gestão cultural do Reino Unido, a capacitação digital foi um tema recorrente, indo da digitalização de acervos ao engajamento do público.

O *boom* de atividades culturais online evidenciou, porém, que a venda de conteúdo digital pode ser uma fonte de receita acessória para muitas instituições culturais, mas nada indica que elas tenham potencial de garantir a sua sustentabilidade. Uma pesquisa quantitativa online realizada entre outubro e novembro pela TAA (The Audience Agency), NPO comissionada pelo ACE, indica que cerca de 33% dos entrevistados (moradores do Reino Unido, com 16 anos ou mais) assistiram a alguma performance ou evento cultural online desde o mês de março. Os tours virtuais foram acessados por 15%

dos respondentes, mesmo percentual de quem acessou um arquivo ou acervo. A Tabela 2 mostra o percentual de resposta para cada uma das atividades pesquisadas.

Tabela 2 – Acesso digital a espetáculos e eventos culturais



Fonte: The Audience Agency. Covid-19 cultural participation monitor. Summary report. Pesquisa realizada com 6.055 entrevistas entre outubro e novembro de 2020.

A pesquisa mostra ainda duas tendências que devem ser investigadas com mais atenção nos próximos anos. O acesso a eventos e performances online variou de 27% na região nordeste a 44% em Londres, o que pode indicar um maior interesse de moradores de regiões urbanas pelos conteúdos culturais. A análise por faixa etária apontou um maior interesse dos jovens. O acesso foi maior nas faixas de 16 a 24 anos (46%) e 25 a 34 anos (40%), caindo conforme aumenta a idade até atingir os menores percentuais nos grupos de 65 a 74 anos (28%) e de 75 anos ou mais (27%).

Do ponto de vista da sustentabilidade, os resultados evidenciam que a venda de conteúdos online para a área de artes cênicas e de

museus tem potencial limitado. Entre os que acessaram algum evento, espetáculo ou acervo, 60% afirmaram não ter pago pelo serviço. Entre os 40% restantes, a pesquisa mapeou três formas de pagamento: a compra de ingresso para um evento específico (17%), a doação (19%) e o acesso já incluído em uma assinatura (11%). Como os entrevistados podem ter pago por serviços de mais de uma forma, a soma dos percentuais supera os 40%. Infelizmente o relatório inicial não detalha os dados, fundamentais para a compreensão do potencial online de cada atividade.¹⁰ É preciso ter em mente que a disposição de pagar por um conteúdo cultural digital ocorreu em um momento em que a alternativa de acesso ao vivo não existia. Apesar disso, o resultado pode indicar uma referência de potencial máximo que os eventos e espetáculos online teriam. Uma outra pesquisa comissionada pelo DCMS, a *Taking Part*, que realizou três ondas de entrevistas online nos meses de maio, junho e julho, apresenta resultados que apontam nesse sentido. O estudo indica que o acesso a conteúdos culturais online nesse período diminuiu, o que pode ser explicado por uma queda no interesse após o *boom* inicial e pelo retorno de muitas pessoas ao trabalho a partir de julho. Como a pesquisa é mais ampla e tem poucas perguntas sobre cultura, seu detalhamento fica limitado, mas a queda de maio a julho aponta para duas hipóteses plausíveis. Ela parece indicar que o acesso a conteúdos online no início da pandemia pode ter sido superior ao constatado pela *The Audience Agency*, que só foi a campo em outubro. E ela também sugere que ele deve cair. Além de encontrar a melhor forma de se adaptar às transformações tecnológicas da sociedade e aos seus impactos nos hábitos culturais, um dos desafios do atual modelo das políticas culturais do Reino

.....
10 Os resultados completos da pesquisa ainda não haviam sido divulgados até o final do mês de dezembro. Eles devem trazer outras informações relevantes para análise dos hábitos culturais digitais durante a pandemia. O projeto previa ainda a realização de outras ondas de pesquisa.

Unido será voltar a atrair os turistas estrangeiros. Ou se adaptar a um cenário em que a sua contribuição para as indústrias criativas seja reduzida. Estudo da Visit Britain, agência de turismo britânica, mostra a importância do “acervo” artístico, cultural e histórico na atração de visitantes em 2016 e 2017. Entre as razões apontadas para visitar o Reino Unido estão: ir a monumentos históricos (35%), museus (28%), teatro, musicais, ópera ou balé (9%), eventos de música ao vivo (7%), conhecer locais ligados a filmes, TV, livros ou música (5%) e festivais (3%). Em Londres, os percentuais de museus e teatro vão a 40% e 15%, respectivamente.

Os dados dos 15 museus apoiados pelo DCMS ilustram bem a sua importância. No período 2018/19,¹¹ ela foi de 48%. Entre 2011/12 e 2018/2019, o crescimento de 13% no público nesses museus se deu principalmente devido ao fluxo de turistas estrangeiros. Enquanto o público “local” cresceu 7%, indo de 24,2 milhões para 25,9 milhões de pessoas, o de visitantes estrangeiros teve uma alta de 20% (de 19,8 milhões para 23,8 milhões de pessoas). Além de contribuir para a receita de bilheteria das instituições e para a venda de produtos, o alto volume de visitantes ajuda ainda na captação de recursos de patrocínio, principalmente no caso de marcas globais. A última previsão da Visit Britain, porém, traça um cenário preocupante. Em 2019, o Reino Unido atraiu 40,9 milhões de visitantes, as maiores fatias vindo dos Estados Unidos, Espanha, França, Alemanha e Itália. Em 2020, deve ser de apenas 9,7 milhões (queda de 76%). A estimativa para 2021, feita antes de diversos países terem restringido voos do e para o Reino Unido, era de 16,9 milhões, um número inferior ao de uma década atrás.

CONCLUSÕES

Ainda é cedo para uma análise detalhada dos impactos da crise para as políticas culturais britânicas, mas parece evidente que as

.....
11 Abril de 2018 a março de 2019

atividades culturais estão entre as mais afetadas da economia. Da ponta comercial à de formação. Os efeitos da pandemia se espalharam por todos os segmentos culturais, com particular intensidade para as artes cênicas e a música ao vivo. No caso da música, dois problemas conhecidos podem se aprofundar: o fechamento de *grassroots venues* e a perda de importância da educação musical nas escolas, fatores decisivos para alimentar a força criativa do setor. A pandemia evidenciou potenciais e fragilidades das atividades culturais. A arte e a cultura apareceram como um espaço de refúgio, conforto, entretenimento, reflexão, união, criatividade, esperança e solidariedade quando as pessoas se viram obrigadas a permanecer longos períodos fechadas em suas casas. Na outra ponta, a crise evidenciou gargalos já conhecidos das cadeias produtivas, como sua estrutura de trabalho fragmentada, largamente apoiada em *freelances*, o que limitou o acesso de seus profissionais aos principais programas de auxílio do governo.

No conjunto das ações de socorro, é possível identificar quase todo o desenho das políticas culturais do Reino Unido. Editais específicos para várias das instituições e grupos já sob o guarda-chuva do DCMS ou do ACE (NPOs, CPPs, *grassroots venues*, museus e patrimônio), e outros para complementar o atendimento aos profissionais e instituições excluídos dos programas principais. Preocupação com a diversidade, com o excesso de concentração dos recursos em Londres, com a capacitação das instituições culturais para o ambiente digital e o trabalho apoiado por pesquisas e indicadores. E ainda que existam ações destinadas a estimular as práticas culturais, a formação parece ter sido um dos pontos mais frágeis das políticas culturais britânicas nos primeiros nove meses da pandemia. Mesmo com a introdução das diretrizes do Let's Create, parte dos problemas parece estar dentro das escolas, talvez exigindo uma estratégia hoje distante do braço operacional do DCMS.

A recuperação econômica e dos níveis de emprego dependem de uma solução efetiva para a crise sanitária e da retomada econômica. Só quando os espaços e eventos culturais voltarem a receber volumes significativos de público, e quando esse público tiver renda para pagar pelos ingressos, a área retomará níveis próximos aos de 2019. Um dos maiores desafios será recuperar os turistas estrangeiros, o que depende de uma solução para a crise sanitária e econômica também em outros países. Os efeitos do **Brexit** vão adicionar outra camada de incerteza a esse cenário já bastante conturbado. Buscar um caminho alternativo, com menor participação externa, pode se tornar uma necessidade para as indústrias criativas britânicas.

Os hábitos culturais são outra incógnita. Os primeiros estudos indicam o crescimento das atividades online, particularmente filmes e séries. O maior acesso a espetáculos de artes cênicas, shows de música e museus não deve se sustentar, a dúvida é saber em que patamar essas tendências vão se estabilizar quando as atividades presenciais retornarem. Parece certo que as receitas vindas de conteúdos online continuarão residuais para as artes cênicas e museus, ao menos no médio prazo. Independentemente disso, a pandemia estimulou as instituições culturais a darem mais atenção aos seus serviços digitais.

Com vários obstáculos pela frente, a redefinição das prioridades das políticas culturais inglesas, sinalizadas no documento *Let's Create* no início de 2020, ganhará ainda maior importância. As ações previstas para serem anunciadas no início de 2021 indicarão se o ACE vai de fato buscar novos caminhos para enfrentar um cenário incerto e desafiador ou fará apenas alguns ajustes de rota para tentar retornar aos padrões pré-pandemia.

REFERÊNCIAS

DIGITAL CULTURE NETWORK. About the network: what is the *Digital Culture Network*, what can it do for me?. Digital Culture Network,

United Kingdom, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/KwwVK>. Acesso em: 15 fev. 2021.

ARTS COUNCIL ENGLAND – ACE. Culture recovery fund. ACE, London, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/Q01FQ>. Acesso em: 15 fev. 2021.

ARTS COUNCIL ENGLAND – ACE. Covid-19 support. ACE, London, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/X3CTr>. Acesso em: 15 fev. 2021.

ARTS COUNCIL ENGLAND – ACE. Data report: emergency response funds for individuals and organisations outside of the national portfolio. ACE, London, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/ku3aB>. Acesso em: 15 fev. 2021.

ARTS COUNCIL ENGLAND – ACE. Let's create. ACE, London, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/dVZmG>. Acesso em: 15 fev. 2021.

ARTS COUNCIL ENGLAND – ACE. The impact of the Cultural Recovery Fund on the arts and culture sector. ACE, London, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/4d2Rc>. Acesso em: 15 fev. 2021.

HANCOCK, A. Cineworld set to shut all UK and US screens. *Financial Times*, London, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/Vzj6k>. Acesso em: 15 fev. 2021.

CULTURAL LEARNING ALLIANCE. Further drop in arts GCSE and A Level entries for 2019. *Cultural Learning Alliance*, London, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/xvkjg>. Acesso em: 15 fev. 2021.

DEPARTMENT FOR DIGITAL, CULTURE, MEDIA & SPORT – DCMS. DCMS Annual Report and Accounts 2019-2020. DCMS, London, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/FWlbW>. Acesso em: 15 fev. 2021.

DEPARTMENT FOR DIGITAL, CULTURE, MEDIA & SPORT – DCMS. DCMS Sector and Subsector employment: 2019. DCMS, London, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/3yvDo>. Acesso em: 15 fev. 2021.

DEPARTMENT FOR DIGITAL, CULTURE, MEDIA & SPORT – DCMS. Museums and galleries visitor figures – July to September 2020. DCMS, London, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/MMEPL>. Acesso em: 15 fev. 2021.

DEPARTMENT FOR DIGITAL, CULTURE, MEDIA & SPORT – DCMS. Sponsored museums and galleries annual performance indicators 2018/19. DCMS, London, 2020. Disponível em: <https://bityli.com/bvyZD>. Acesso em: 15 fev. 2021.

- DEPARTMENT FOR DIGITAL, CULTURE, MEDIA & SPORT – DCMS. Taking part web panel Covid-19 report. *DCMS*, London, 2020. Disponível em: <https://bitly.com/wblsl>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- DEPARTMENT FOR DIGITAL, CULTURE, MEDIA & SPORT – DCMS. Total income of DCMS-funded cultural organisations 2018/19. *DCMS*, London, 2019. Disponível em: <https://bitly.com/62QAN>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- ISM (Incorporated Society of Musicians). The heart of the schools is missing. *ISM*, London, 2020. Disponível em: <https://bitly.com/FU1qO>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- MAYOR OF LONDON. Rescue plan for London's grassroots music venues. *Mayor of London*, London, 2017. Disponível em: <https://bitly.com/h2Sm0>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- NICOLAOU, A. Netflix subscriber growth slows as lockdown boost fades. *Financial Times*, New York, 2020. Disponível em: <https://www.ft.com/content/de870037-4859-4660-87c8-b6bba656bd02>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- OFFICE FOR NATIONAL STATISTICS – ONS. Business insights and impact on the UK economy: 17 December 2020. *ONS*, London, 2020. Disponível em: <https://bitly.com/WgCup>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- OFFICE FOR NATIONAL STATISTICS – ONS. GDP Monthly estimate UK: october 2020. *ONS*, Londres, 2020. Disponível em: <https://bitly.com/Pf39I>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- SOCIETY OF LONDON THEATRE – SOLT. Website. Londres, 2020. <https://solt.co.uk/about-london-theatre/press-office/2019-box-office-figures-released-by-society-of-london-theatre/>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- THE AUDIENCE AGENCY. *Covid-19 cultural participation monitor*. Londres, 2020. PDF. Disponível em: <https://bitly.com/JAeFx>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- TOWNSEND, M. Tier 3 or not tier 3? Hard-hit West End shows await the fate of London. *The Guardian*, London, 2020. Disponível em: <https://bitly.com/p5hqr>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- UK CINEMA ASSOCIATION. Monthly admissions 2020. *UK Cinema Association*, London, 2020. Disponível em: <https://bitly.com/Oj3Xv>. Acesso em: 15 fev. 2021.

UK MUSIC. Music by numbers 2020. *UK Music*, London, 2020.
Disponível em: <https://bitly.com/3YE2h>. Acesso em: 15 fev. 2021.

UK MUSIC. Securing our talent pipeline. *UK Music*, London, 2018.
Disponível em: <https://bitly.com/nCoO1>. Acesso em: 15 fev. 2021.

WRIGHT, J. Policy review: cultural policy responses to Covid-19 in the UK. *Centre for Cultural Value*, Leeds, 2020. Disponível em: <https://bitly.com/jNaEV>. Acesso em: 15 fev. 2021.